

cola – e longos ciclos – os muitos anos de uma vida –, em boa medida é ainda centrada no lugar rural onde a vida afetiva e a vida de trabalho se associam nos espaços consagrados do sítio camponês: a pequena propriedade familiar. Em segundo lugar, em seus entornos naturais e na comunidade vicinal próxima: o arraial, o bairro rural, o povoado, a vila, o patrimônio. Mas sítios e povoados camponeses tendem a ser, mais e mais, espaços-lugares satélites das cidades, sejam elas a sede do município, as cidades-mercado ou mesmo as cidades de romaria e devoção.<sup>18</sup> E, bem sabemos, uma das diferenças de percepção espacial mais importantes será justamente o deslocamento do eixo das relações, tendo como foco o “lugar onde vivo e trabalho” e a cidade. Entre as comunidades mais isoladas de predominância de *economia de consumo*, o centro da vida é ainda um espaço natural fracamente socializado, e a cidade é um referente tempo-espacial difícil e distante. Entre as comunidades camponesas tradicionais, o centro da vida vivida e pensada é uma quase sinuosa linha que passa pela natureza, demora no lugar de trabalho e de natureza socializada e termina na cidade, bastante mais marcada e próxima nas unidades sociais de *economia de excedente* do que nas anteriores. Já, entre as comunidades e culturas próximas de ou já plenamente integradas em uma *economia de mercado*, o espaço-tempo de referência da vida pensada e vivida é o da cidade-mercado. Os lugares rurais são espaço de passagem e mais de um trabalho impessoal do que de vida, e a natureza é um referente ora distante demais, ora hostil o bastante para valer apenas quando dominado, apropriado e destruído.

<sup>18</sup> Das pesquisas de campo que fiz em Goiás e em São Paulo, com comunidades camponesas tradicionais, gostaria de indicar a leitura de alguns capítulos de livros derivados de três delas: *Plantar, colher, comer*. Rio de Janeiro: Graal, 1978; *A partilha da vida*. Taubaté: GEIC, Cabral, 1995; *O afeto da terra*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

## MODERNIDADES E FALSAS MODERNIDADES: ESPAÇOS RURAIS ONDE O PASSAR DO SOL JÁ NÃO MARCA MAIS AS HORAS E NEM A LUA O PASSAR DOS DIAS

O simples viajar e ver desde a estrada longas paragens homogêneas de uma paisagem despovoada de bichos (a não ser o gado) e de pessoas (a não ser os raros e passageiros trabalhadores even-